

NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

uma permeabilidade de fronteiras



Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)

EDITORA

UnB


OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),
Jacob L. Mey (Odense University -
Dinamarca), Maria Carmen Aires
Gomes (UFV), Izabella dos Santos
Martins Mendes (UFMG), Janaina
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),
Maria Francisca de Oliveira Santos
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Reitor

Lauro Morhy

Vice-Reitor

Timothy Martin Mulholland

EDITORA



UnB

Diretor

Alexandre Lima

Conselho Editorial

Presidente

Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

Conselho Editorial

Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva
Organizadora

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



Equipe Editorial

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

Copyright © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar
70300-500 – Brasília-DF
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
Central da Universidade de Brasília

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

*Ao meu Roberto e a cada Paulo
da minha vida*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA	19
DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO <i>Luiz Antônio Marcuschi</i>	21
DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS <i>Denize Elena Garcia da Silva</i>	37
DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA <i>Jacob L. Mey</i>	49

PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

Maria Carmen Aires Gomes 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Izabella dos Santos Martins Mendes 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO
BRASILEIRO**

Janaina Minelli de Oliveira 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA
ATUALIDADE**

Dina Maria Martins Ferreira 101

A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”

Heloisa Marques Miguel 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

Ivone Tavares de Lucena 125

PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS.....	135
GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i>	<i>137</i>
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i>	<i>145</i>
SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i>	<i>155</i>
PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL	167
SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i>	<i>169</i>
OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i>	<i>179</i>
ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	
<i>Cibele Brandão</i>	<i>191</i>
COLABORADORES.....	201

AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

Agradecimentos

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE III - DISCURSO, GÊNERO SOCIAL
E IDENTIDADE**

A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?

Ivone Tavares de Lucena

Introdução

É por meio do discurso que a memória social é construída e cristalizada, estando, pois, ligada a fatores sociais e históricos que vão perpetuá-la por meio de acontecimentos históricos numa dada comunidade. O que faz a memória coletiva se manter e repassar para outras gerações são os elementos operadores da memória social tais como livros, imagens, filmes, arquitetura: a cultura. Estes operadores são resgatadores de valores, discursos, mitos, crenças que se arquivam no saber cognitivo de sua comunidade e representam a condensação de uma prática social. Nesta ótica, presenciamos um sujeito coletivo que se faz marcar pela historicidade, incorporando vozes sociais diversas numa prática discursiva que veicula ideologias que se manifestarão a partir de posições enunciativas ocupadas em contextos definidos e diversos. O utilizar-se de formações discursivas a partir de contextos determinados por meio de dadas posições enunciativas pode nos conduzir a marcas identitárias de sujeitos que veiculam, por meio da linguagem, formações ideológicas. Em se tratando do Nordeste do Brasil, há

elementos operadores de uma memória social que nos remete à construção de uma identidade do homem do Nordeste que pode ser vista (lida) como “paradigma” identitário a partir da investigação da memória discursiva. Identidade coletiva marcada por valores ideológicos tais como religiosidade, crenças, expressões artísticas, medicina popular, cordel, entre outras. Caminhando pelas trilhas da Análise do Discurso (AD), analisamos, no emaranhado da construção textual da música nordestina, as cicatrizes da identidade desta gente, identidade esta inscrita no discurso por um sujeito ideologicamente marcado.

Formação discursiva (FD) e formação ideológica (FI)

A formação discursiva é o lugar específico da constituição dos sentidos e da identificação do sujeito, já que ela é manifestação, no discurso, da materialidade ideológica. As diferentes formações ideológicas materializam-se nas diferentes formações discursivas, pois a visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Em uma situação de ação específica como a música popular nordestina, a materialidade ideológica se faz exteriorizada no discurso segundo a formação discursiva que, por sua vez, é o lugar, ou está atrelada a “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 1986).

É nos discursos que ocorrem os deslocamentos das formações discursivas; quando elas se inscrevem no interdiscurso e ressignificam, é onde se inaugura um novo sentido e se identifica o sujeito em suas diferentes posições. E no intradiscurso que o sujeito faz articulações entre os objetos com os quais o sujeito-enunciador está relacionado, apropria-se deles, fazendo-os objetos de seu discurso. É o que acontece com a Música Popular Nordestina, cujos objetos de discurso trazem o lugar, a relação de lugares onde se inscrevem as formações discursivas, visto que o sujeito falante é interpelado – assujeitado – em sujeito de seu discurso. Buscar, na sua memória, os valores do homem do Nordeste faz a identidade dele enquanto sujeito enunciador inscrito numa formação ideológica e numa formação discursiva. E a relação estabelecida entre a formação ideológica e a formação discursiva, que se cruzam no interdiscurso, depende da relação da história de cada sujeito, o que a AD chama de *historicidade*: o sujeito com sua história, memória e discurso. Portanto, é dessa historicidade que o sujeito deixa marcas, segundo posições que ocupa no seu mundo. É da relação sujeito/mundo que a discursividade materializa o discurso na construção do texto e o

sujeito se coloca no discurso, utilizando-se de estratégias discursivas para dizer o que quer e é nesse dizer que ele se identifica – na forma – sujeito de “sabedor” de uma determinada formação discursiva que o constitui enquanto sujeito ideologicamente marcado, ou seja, socialmente constituído. Nessa perspectiva, podemos dizer que sujeito e sentido são constituídos numa relação de intimidade porque, ao construir sentidos no seu discurso, ele o faz relacionando-se e identificando-se com uma determinada FD/FI. As palavras utilizadas pelo sujeito, em sua função-autor, assumem os sentidos segundo as posições sustentadas por quem as emprega.

Pensar a constituição do sentido é pensar a inscrição do sujeito no discurso e pensar o movimento dos sentidos que assegura o(s) seus(s) efeito(s). Porque ele está em todos os lugares e se “alça”, produzindo-se nas relações entre o sujeito (mutuamente) constituindo discurso(s). E é nesse cenário – no movimento dos sentidos e dos posicionamentos do(s) sujeito(s) – que o sentido se instaura e constitui efeitos, segundo a história, a memória e o discurso e que provém de interpretações oriundas da memória deste sujeito social.

Cogitar sobre um sujeito capaz de fazer interpretações é imaginá-lo diante das várias possibilidades de acessar uma memória discursiva que é constituída de esquecimentos e silêncios: saberes sócio-histórico-ideológicos que se armazenam em cada história e que, no jogo discursivo do ir e vir, resgatam sentidos e, na interdiscursividade, produzem efeitos e instauram sentidos segundo posições sustentadas por quem produz o texto. Segundo Pêcheux, as palavras, as proposições se restabelecem e se transcodificam de acordo com os sujeitos que as empregam, relacionando-se com saberes e posições – formações ideológicas – nas quais tais proposições se inscrevem inaugurando novos sentidos.

O sujeito resgata, por meio da memória discursiva, os sentidos que estão ditos em outros lugares e que, ao serem retomados e ressignificados em seus deslocamentos, constituem identidade do sujeito – o nordestino. O tema da seca, por exemplo, muito presente nas composições da música popular nordestina, faz-se presente em grande número de textos cujos sentidos são recuperados a partir de um contexto sócio-histórico.

Na voz de um sujeito histórico e socialmente constituído

Para analisar o processo do sujeito-enunciador, que se faz voz nos textos selecionados para análise, faz-se necessário levar em consideração as condições de produção do que é dito e a sua posição como sujeito histórico e socialmente constituído. Para tanto, é preciso uma

atenção especial para o papel da memória nesta produção discursiva. Memória esta que supõe o enunciado inscrito na história e que é retomada conforme circulação de discursos socialmente circulantes.

No que tange à Região Nordeste, é sabido o que enfrenta o homem do sertão, com o fenômeno da seca. Historicamente, o sertanejo convive com a falta d'água e sofre conseqüências degradantes e marcantes que o fazem homem carente, sofrido, batalhador e, sobretudo, corajoso em busca de sua sobrevivência. Isto lhe dá o porte de homem de coragem, portador de dores, mas capaz de ir em busca de saídas que lhe garantam a sobrevivência. Esse contexto sócio-histórico constrói uma memória coletiva que é repassada de geração a geração e constrói formações discursivas peculiares a essa realidade. Formações estas que carregam consigo valores, mitos, crenças, os quais se arquivam no saber de uma comunidade e se condensam por práticas sociais ressonantes em vozes sociais capazes de identificarem sujeitos ideologicamente marcados por esse processo histórico.

O texto "musical", que se constrói no arquivo cultural do Nordeste, é elemento reprodutor de tais valores porque, nele, a "voz" do homem nordestino se faz ecoar porque, enquanto construção de sentido, reproduz, em desdobramentos e deslocamentos, uma memória sócio-histórica e inscreve sujeitos em um discurso que brada por justiça, por reconhecimento, por mudança. Reproduz gritos de dor da fome, da partida, do abandono. São discursos que se entrecruzam e deixam marcas de religiosidade, crenças, cultura, valores: "paradigmas" capazes de veicular a identidade de um povo que carrega preconceitos socialmente discriminatórios.

Tomando como caminho norteador para encontrar os sentidos que se instauram e se embrenham no texto, buscamos esses suportes teóricos da AD para irmos em busca de um sujeito inserido num contexto sócio-histórico que compreende a Região Nordeste com todos os seus saberes: cultura cujo "paradigma" identifica um povo com sua identidade sociocultural-ideológica.

Buscamos, para essa investigação, três músicas de compositores da região, cujas vozes emergem via um discurso que resgata sentidos e produz efeitos, recuperando valores arquivados no saber cognitivo de uma comunidade que representa a condensação de práticas sociais.

Três contextos musicais

Os textos que seguem para análise concentram o tema da seca e da migração, elementos reprodutores de uma historicidade cristalizada. Esses temas emergem nos discursos dos textos escolhidos por meio da

materialidade lingüística com significados deslocados. Os fragmentos de discursos, quando reutilizados, quando desdobrados, deslocados, ganham nova configuração semântica porque se inserem em novas condições de produção. Tentamos enxergar, nos textos que se seguem, o enunciador como suporte de ideologia. Ele é, como diz Fiorin (1990: 42), o suporte de discursos, discursos estes que constituem a matéria-prima com que elabora seu discurso. Diz Fiorin que o dizer desse enunciador é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social.

Ao pensar que, ao falarmos, tomamos como base o princípio de que estamos nos significando, podemos dizer que o uso da linguagem como ação transformadora constitui identidade(s) porque é necessariamente elemento mediador da interação homem/realidade (natural e social). Assim, podemos enxergar a relação intrínseca entre sujeito e sentido, que se instauram concomitantemente, configurando processos de identificação por meio do discurso.

Vejamos os textos nos quais se materializam visões de mundo de sujeitos inseridos em seus lugares sociais e que se identificam como sujeitos a partir da relação estabelecida com suas condições sócio-histórico-ideológicas. Os sentidos que se instauram nos discursos da música popular nordestina são determinados pelas condições de produção responsáveis pelo processo discursivo e fazem delas um texto.

No texto – **Pau de Arara** – de Luiz Gonzaga:

Artista: Luíz Gonzaga

Música: Pau de Arara

Quando eu vim do sertão seu moço

Do meu bodocó

Meu malote era um saco

E o cadeado era o nó

Só trazia a coragem e a cara

Viajando num pau de arara

Eu penei, mas aqui cheguei (2x)

Trouxe o triângulo

Trouxe o gonguê

Trouxe o zabumba

Dentro do matulê

Xote, maracatu e baião

Tudo isso eu trouxe no meu matulão

Os sentidos que são instaurados segundo a relação sujeito/sentido e veiculados pela linguagem remetem ao contexto da região Nordeste e

expressam o choro, a penúria da saída do homem do sertão, que é obrigado a deixar a sua terra para buscar sua sobrevivência. O texto levanta elementos caracterizadores do homem do sertão que o identificam com seus valores, sua cultura. Aqui aparecem representados pelo *triângulo*, o *gonguê*, o *zabumba*, o *xote*, o *maracatu*, o *baião*. Os instrumentos musicais relacionados pelo sujeito-enunciador são os usados para tocar a música típica da região: o *forró pé de serra*. O *xote*, o *maracatu*, o *baião*, as danças típicas estão muito presentes nas festas e nos divertimentos, principalmente no sertão. Ao relevar estes elementos, colocados no discurso, o sujeito faz mostrar que estes valores são constituintes da história que identifica um povo. Ao reproduzir a voz do sertanejo em um discurso de primeira pessoa, o faz para ecoar a imagem do homem do sertão e as dores de sua partida em busca da sobrevivência.

O sertanejo é descrito com todas as características histórico-culturais que o identificam, como homem de valor que partiu e levou consigo seus valores, sua cultura, sua realidade. O dizer que vem do sertão já lhe dá a identidade. Identidade esta que carrega aonde for. Descreve seu perfil com objetos que o caracterizam:

meu *malote* era um *saco*
e o *cadeado* era um *nó*
viajando num *pau-de-arara*
trouxe um *triângulo*
trouxe um *gonguê*
trouxe um *zabumba*

Estes elementos dão o retrato do sertanejo. "O *malote* era um *saco* e o *cadeado* era o *nó*" é estereótipo do retirante da seca, que carrega a sua trouxas e migra em busca de sua sobrevivência. Este retrato está no discurso de Graciliano Ramos quando descreve a partida de Fabiano e sua família. São elementos que constituem a memória social do nordeste seco e injustiçado.

O só trazer a "coragem e a cara", expresso no discurso do enunciador, significa a desprofissionalização do sertanejo, que vai em busca do seu sustento, mas carrega consigo o peso do seu analfabetismo. Contudo, deixa entrever valores ideológicos embutidos no seu dizer: é desprofissionalizado, mas é corajoso e de honra.

Ao dizer "eu penei, mas aqui cheguei", o sujeito quer deixar claro a coragem do sertanejo: o sofrimento de ter que deixar a sua terra e a vitória de poder superar tudo e sobreviver. O penar em cima do *pau-de-arara* já o identifica como sertanejo sofredor, capaz de superar as dificuldades em busca da sobrevivência.

Todas estas características que o enunciador foi buscar na história do homem do sertão o identificam como Nordestino: pobre, desprofissionalizado, retirante da seca – um “Zé-ninguém” para a sociedade: o sul e o sudeste que o marginalizam e o discriminam.

Neste outro texto:

Artista: Luiz Gonzaga

Música: Paraíba

Quando a lama virou pedra
E Mandacaru secou
Quando o Ribação de sede
Bateu asa e voou
Foi aí que eu vim me embora
Carregando a minha dor
Hoje eu mando um abraço
Pra ti pequenina
Paraíba masculina,
Muié macho, sim sinhô
Eita pau pereira
Que em princesa já roncou
Eita Paraíba
Muié macho sim sinhô
Eita pau pereira
Meu bodoque não quebrou
Hoje eu mando
Um abraço pra ti pequenina
Paraíba masculina,
Muié macho, sim sinhô
Quando a lama virou pedra
E Mandacaru secou
Quando arribação de sede
Bateu asa e voou
Foi aí que eu vim me embora
Carregando a minha dor
Hoje eu mando um abraço
Pra ti pequenina
Paraíba masculina,
Muié macho, sim sinhô
Eita, eita
Muié macho sim sinhô

O sujeito-enunciador prende-se a fazer uma descrição da seca, o texto limita-se a fazer um quadro pintado com palavras para mostrar como fica o sertão na seca e o que faz o homem do sertão deixar a sua terra, é a descrição da dor de sua partida obrigatória. Ao dizer *Foi aí que eu vim me embora/ Carregando a minha dor/ Hoje eu mando um abraço/ Pra ti pequenina*, seu discurso também retrabalha o tema da saudade, a saudade da mulher que deixou na Paraíba e descreve o que é a mulher modelo do sertão: é a mulher que consegue vencer, resistir às amarguras da seca. Ao reconhecer a mulher como mulher forte, capaz de suportar as agruras da seca, da fome e as dificuldades provocadas pela seca, ele é também reconhecedor dos seus valores e de suas qualidades, valores estes trazidos pelo estereótipo do homem machista do Nordeste. O discurso machista se faz presente porque representa aqui os valores masculinos do sertanejo, práticas sociais machistas que o identificam como homem nordestino. Não é a mulher que é masculina, são os valores masculinos que fazem dela uma mulher forte e capaz de resistir até às saudades da separação.

Vejamos o terceiro texto:

Artista: Luiz Gonzaga

Música: Súplica Cearense

Ó deus, perdõe esse pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar
Ó deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há
Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho,
Pedí pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão
Meu deus, se eu não rezei direito o senhor me perdõe
Eu acho que a culpa foi
Deste pobre que nem sabe fazer oração
Ó deus, perdõe eu encher os meus olhos de água
E ter lhe pedido cheinho de mágoa,
Pro sol inclemente se arretirar
Desculpe, eu pedir a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará
La-laia-laia.....

Aqui o texto reproduz o discurso religioso sempre presente no contexto do sertão nordestino, onde o povo atribui o castigo da seca às penalidades de Deus. Deus este que é repassado na visão da Igreja como aquele que castiga. O pedir perdão a Deus traz a figura do homem temente ao todo-poderoso que é ensinado pelo discurso religioso. O dizer "Ó deus, perdôe eu encher os meus olhos de água/E ter lhe pedido cheinho de mágoa,/Pro sol inclemente se arretirar" é acreditar que o homem não pode ter mágoas de Deus. É uma dor por acreditar que não soube fazer oração, não soube pedir pela solução da seca e sofre agora o castigo. O sujeito agora responde pelo discurso religioso no qual acredita.

Neste texto há marcas lingüísticas de como o sertanejo vê a seca. Por sofrer diretamente seus problemas, por ver o que a seca provoca, o sujeito compara o sertão seco ao inferno. Acredita estar sendo castigado por ter feito a sua oração com o "coração cheio de mágoa".

Considerações finais

Ao reconhecer que é um "pobre coitado", coloca-se numa situação de penúria e de homem sofredor. O enunciador usa de um discurso que está presente no homem do sertão: homem religioso, cheio de humildade por não ter direito à cidadania. Sente-se um pobre coitado, que não sabe rezar, colocando-se como culpado pela chuva que cai em excesso deixando novamente o sertanejo sem sobrevivência.

Na teia do discurso da música popular nordestina, se disfarçam efeitos de sentido que se historicizam e trazem uma memória institucionalizada, um "saber discursivo", capaz de recuperar traços de marcas identitárias de significados culturais. A imagem do homem do sertão, da seca e dos retirantes, geralmente é identificada por valores ideológicos que se perpetuam por marcas identitárias que advêm do contexto sócio-histórico-cultural. Valores ideológicos que se instauram e se movimentam de um texto para outro e constroem a figura do sertão nordestino dentro de uma perspectiva de memória social em que valores sociais, culturais ou morais cristalizam conceitos advindos de um grupo social conforme seus costumes. Uma ideologia que se arquiva na memória social coletiva. Traços culturais que estão na história da sociedade, em práticas que reaparecem nos discursos ditos e reditos em outros discursos intradiscursivos, enquanto discurso fundador (Orlandi, 2001).

A partir deste olhar, podemos concluir que estamos inseridos em um mundo com sua história social de produções culturais e práticas sociais e, por isso, logo vamos aprendendo a construir modelos de referência segundo relações com este mundo, vamos construindo historiografia desses modelos referenciais, constituindo, assim, identidade de referência.

Nos textos analisados, surgem enunciados em que se esconde um eco que repercute uma formação ideológica reproduzindo valores e condutas de uma sociedade arrolada em práticas sócio-históricas. As marcas de uma formação ideológica surgem na materialidade lingüística que remete a traços de ideologia que se encontram no dito e no não-dito.

Referências bibliográficas

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. trad. Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

ORLANDI, E.P. (Org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade
Presbiteriana Mackenzie (SP)
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Colaboradores

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Dupligráfica Editora
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924
e-mail: dupligráfica@terra.com.br

**OUTROS LANÇAMENTOS DA
EDITORA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Minhas cartas e as dos outros

(volumes 1 e 2)

Carlos Lacerda

A crise do modelo francês

Denis Rolland

**Agrotóxicos: mutações, câncer &
reprodução**

Cesar Koppe Grisolia

Introdução à cinemática relativística

José de Lima Acioli

Novos estudos sobre línguas indígenas

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Simmel e a modernidade

(2.^a edição)

Jessé Souza e Berthold Öelze

(Organizadores)

**A pós-graduação no Brasil: formação
e trabalho de**

mestres e doutores no país

(volume 1 - 2.^a edição)

Jacques Velloso (Organizador)

**Psicologia e conhecimento: subsídios
da psicologia do desenvolvimento
para a análise de ensinar e aprender**

Maria Helena Fávero

Itinerários de Barbara Freitag

Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloísa

Bicalho de Sousa e Maria Francisca

Pinheiro Coelho (Organizadores)

Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368